

OS SENHORES

*Pam 17*

6

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

---

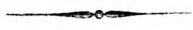
A. F. DE CASTILHO

E

A. OSORIO DE VASCONCELLOS

SOBRE

A QUESTÃO COIMBRÃ



**LISBOA**

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50—RUA AUGUSTA—52

**1866**



---

LISBOA — TYP. DE SOUSA NEVES, RUA DO CALDEIRA, 17

## ADVERTENCIA

A curiosidade com que o publico parece estar assistindo á estrondosa guerra litteraria porfiada de tres mezes a esta parte, em nome do *bom senso* e do *bom gosto*, e não menos o desejo que os estudiosos manifestam de quererem colleccionar as peças d'este processo, que dará materia para um ou mais capitulos aos que de futuro se propozerem escrever a nossa historia litteraria, nos induziram a reunir neste opusculo, com prévia annuencia de seus autores, tres escriptos, tão recommendaveis por si, como pelos nomes que os firmam.

É o primeiro o artigo do sr. Teixeira de Vasconcellos, estampado na *Gazeta de Portugal* de 27 de dezembro ultimo sob o titulo de PAX. O segundo é a carta que ácerca d'esse mesmo artigo escreveu o sr. Castilho, e que veiu a lume no mesmo jornal dois dias depois sob o titulo de BELLUM, titulo que (sem offensa vá dito) nos parece haver sido menos propriamente empregado pela redacção. O terceiro transcripto do *Jornal do Commercio* de 18 de janeiro d'este anno, é devido á penna do sr. Osorio de Vasconcellos, mancebo talentoso e intelligente, que no seu tirocinio de escriptor tem sabido captar as sympathias do publico illustrado.

Lisboa, 20 de fevereiro de 1866.

O EDITOR



# P A X

Musa mihi causas memora,  
Vir. Æn. 1.

Obrigaçõ e das folhas periodicas dar immediatamente noticia dos acontecimentos importantes. Faltou porẽm a ella a *Gazeta de Portugal* no tocante á carta do sr. Anthero do Quental ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, e a respeito de todas as circumstancias d'este caso. Faltou ao dever de jornal, mas, deferindo a narraçõ, assegurou mais a propria imparcialidade, e talvez a benevolencia alheia. Nenhum dos contendores, inflamados como andavam na peleja, prestaria ouvidos benevolos á nossa voz pacifica.

Pagãmos hoje a divida aos leitores. Agora já tiveram tempo os combatentes de sujeitar as paixões ao raciocinio, e de pensar com madureza nesta em verdade lastimosa occorrençia.

Narremos, pois que, aproveitando a phrase do historiador romano, mais nos cabe narrar do que provar.

De que não houvesse entre nós critica litteraria andavam queixosos muitos dos que mais prezam e cultivam os bons estudos. Lamentavam que em vez da critica esclarecida, desapaixonada, e portanto proveitosissima, campeasse nas folhas periodicas, e com frequencia nos livros, o elogio exagerado ao talento e á falta d'elle, ao saber e á ignorancia, ao prestimo e á inutilidade, elogio que não era mutuo, como lhe chamaram, mas que ás vezes excedia os limites que a razõ e a justiça impõem aos escriptores.

Desculpavam-se os panegyristas allegando que não era terra para criticas reino como o nosso, onde todos se conhecem e se avistam cada dia, e onde a vaidade de cada um nem para barreiras acceita o direito alheio de pensar e de dizer livremente. Accrescentavam que não valia a pena accender odios profundos em troca de proclamar quatro

verdades que, por desgraça, a ninguém aproveitariam, e sem as quaes o mundo iria seu caminho como ha duzentos annos, como sempre.

Não sei se tinham razão estes pobres peccadores do elogio pertinaz. Quero crer que não. É sempre boa a verdade, e decoroso padecer por ella. Mas desculpa de certo mereciam porque nem todos nasceram para martyres e muitos não quereriam sel-o duas vezes.

É certo que tanto lastimaram a falta de critica litteraria, e tantas vezes disseram que dependia d'ella o futuro das lettras, da nossa lingua, e não sei se até a autonomia do reino, a qual vem agora para tudo, que o sr. Pinheiro Chagas lembrou-se de contentar os queixosos e principiou a censurar os escriptos de alguns autores.

Não lhe responderam, e foi mau signal. A quem não responde falta o calmante do desafogo, e fica-lhe ás vezes o

.... *manet alta mente repostum*  
*Judicium Paridis, sepreta injuria formæ*

que foi causa de se abrirem as cavernas de Eolo, e de padecerem grande tormenta os navios do piedoso Eneas. Quem esperava que a critica convidasse á lice os criticados, e que n'estas contendas se apurasse o gosto ao mesmo passo que se determinassem muitas regras do bom dizer litterario, enganou-se redondamente.

E ahí se viu que tinham razão os receosos do martyrio.

Com lealdade procedeu sem duvida o sr. Pinheiro Chagas porque, mui pouco tempo depois de censurar os escriptos alheios deu á luz um volume para que nelle se empregasse inexoravel o juizo dos criticos. Não armava a louvor que não fosse muito merecido, quem no ajuizar severamente ácerca dos outros lhes tirava todos os incentivos da indulgencia.

Tinha por titulo o livro: POEMA DA MOCIDADE, e fechava com uma carta ao editor da obra pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho. Era a carta formoso trecho d'aquella excellente prosa que todos lêem com prazer, em que ultimamente nos veiu a *Chave do Enigma*, e nella as primo-

rosissimas paginas consagradas á fabula de Pygmalião. Encerrava tambem critica litteraria, severa como sentença de juiz, moderada como advertencia de ancião, e benigna como são sempre os conselhos paternaes.

Notava o insigne traductor dos *Fastos* os grandes dotes dos srs. Theophilo Braga e Anthero do Quental, e como estes dois distinctissimos engenhos se elevavam ás vezes a ponto que já os não distinguiam cá da terra com os olhos da alma os homens de vista mais penetrante. E, lembrado dos precipicios em que por tão escabrosos atalhos se lançaram muitos escriptores do seculo xvii, em cujas obras as largas azas do genio andaram sempre sopeadas pela necessidade de aguçar conceitos e prezas á cadeia da antithese, advertiu-os de que o estudo demasiado dos autores allemães poderia fazer com que ninguem viesse a entender as imitações de originaes que já poucos entendiam.

De mim confesso que mal poderia ser juiz nesta contenda, pois de muitos annos, para não dar em doido, me afastei dos philosophos de além Rheno, e agora, por me captivarem outras obrigações mui pezadas, nem sei o que se escreve lá e cá a respeito de philosophia e de letras. Não digo mal dos philosophos allemães nem de quem os estudar. Deus me defenda. Unicamente revelo que não é para aquellas alturas a minha pobre cabeça.

Já agora quero que me condemnem por barbaro. Eu ainda choro o tempo em que, cedendo ao impulso do meu respeitavel mestre o sr. Ferrer, e não me contentando com o Ahrens que para muitos foi encyclopedia de philosophia allemã, passava as noites a decifrar Kant, a ler os seus obscurissimos commentadores e discipulos, e a confrontal-os com os antagonistas da escola criada pelo philosopho de Koenigsberg, Jacobi, Hegel e Schelling; tambem mal avindos entre si. Eu que podia ter antes estudado Klopstock, gracejado com Wieland, admirado Lessing, idolatrado Goethe, aprendido a respeitar Schiller, mesmo nos seus defeitos, e verificado se na realidade Herder foi o Fénélon da Allemanha.

Mas que podia eu fazer naquelle meu tempo de estudante, ha vinte e tantos annos, se ninguem então jurava em Coimbra senão por Kant, Ficthe e Krause, e sobre os

evangelhos do Ahrens os que não tinham pejo de confessar que d'ali lhes vinha toda a sciencia allemã? Era moda então, e por isso de lá saímos saciados de philosophias e principalmente de obscuridades.

Voltemos porém á narrativa.

Sucedeu que o sr. Anthero do Quental, tendo em conta mediocre os louvores que lhe pareceram sobrescripto de grave injuria, publicou um folheto em resposta ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. Folguei quando o recebi. Cuidava que era de critica litteraria. Enganei-me. Era um grito de desforço. Paginas eloquentes, estilo natural, dicção apurada, mas desforço apaixonado e pessoal de injuria que não existira, brado altivo da paixão contra a frieza de juizos litterarios, demasia de mancebo contra ancião, sacrificio da gloria nacional ao proprio desaggravo. Tive pena, e afoguearam-se-me as faces.

Tive pena, porque nas paginas do folheto, as primeiras que li escriptas pelo sr. Anthero do Quental, vi que era moço de grandes dotes, e que, se o accusavam de inintelligivel, de grande culpa lhe faziam cargo, pois que tão natural corrêra a penna para offender. Tive dó, porque os grandes talentos são para grandes coisas, e a vingança, exageração culposa do desaggravo, é sempre coisa pequena.

Quando vi no folheto do sr. Anthero do Quental desacatada a valia litteraria do sr. Antonio Feliciano de Castilho, e as faces do illustre poeta esbofeteadas com as folhas rotas de todas as suas obras em prosa e em verso, lembrei-me de Nero desejando que os romanos tivessem uma só cabeça para lh'a cortar cercea de um golpe. O sr. Anthero do Quental conseguiu fazer das faces de todos os portuguezes uma só face, e infligir-lhe a suprema injuria. D'ahi se afoguearam as minhas faces tambem.

Fez mal e muito mal. Não lh'o dizem só os meus quarenta e nove annos, as minhas cãs, que ainda são raras, e a minha experiencia, que é larga: ha de dizer-lh'o a consciencia, e dizer-lh'o com o vigor que inspirou o folheto, e já lh'o terão dito os amigos mais sinceros e mais zelosos da sua gloria.

Não me tenha por suspeito o sr. Anthero do Quental. Eu não sou litterato de Lisboa, nem de nenhuma parte.



Mesquinha fôra a litteratura patria se o homem que por de-leite cuidou de não a ignorar inteiramente, obtivesse cre-ditos de professal-a. Tambem não sou — nunca fui — da so-ciedade de elogio mutuo, nem me constou que existisse; senão teria ido lá reclamar, não os louvores, que me não cabem, mas a reciprocidade devida á benevolencia de que uso para com todos. Não ha tal sociedade; nem sequer a da inveja mutua, como se poderia suppor. Tambem não me acolho ha muitos mezes ás arvores de Tibur, como o sr. Castilho chama ás que formosamente lhe assombram o quintal.

Sou do Gremio, é verdade, mas se lá por Coimbra cui-dam que ali se aquilatam reputações e se amesquinham as dos escriptores que vivem para além de Santa Apolonia, em grande engano vivem. No Gremio joga-se o wisth, o boston, o bilhar, e agora até o gamão como em qualquer botica; lêem-se os jornaes, e falla-se de tudo mas de cada coisa por breve espaço. De contendas litterarias raras ve-zes; quasi nunca. D'esta conversou-se uma hora, quando chegou o folheto do sr. Anthero do Quental, e, depois que a luta se transformou em negocio pessoal, ninguem mais fallou de semelhante coisa. O Gremio é litterario porque se escreve com seis letras, e mais nada.

Sou pois unsuspeito por estranho ao officio, e por mil outras razões. Assim posso dizer afoito que ninguem nega em Lisboa o talento do sr. Anthero do Quental, mas que ninguem approvou o seu desforço contra o sr. Castilho. Tal-vez estejamos todos em erro; mas é opinião geral.

Doeu a todos ver affrontar o ancião de 60 annos, que, lançado pela natureza no recenseamento dos inuteis, não quiz permanecer ocioso e inerte entre seus irmãos para que das migalhas do seu pão fraternalmente o mantivessem, e que, vencendo o immenso obstaculo com que a enfermidade quizera vedar-lhe as portas das letras e da sciencia, entrou por ellas arrojado e pertinaz conquistando desde logo um dos primeiros logares no templo da sabedoria. Sublime es-forço de quem se encontrou despojado do principal instru-mento da actividade humana nos exercicios litterarios e suppriu com a larga vista do entendimento aquellé precioso dote physico!

\*

E ainda doeu mais a injuria por ser condemnação do parecer geral de naturaes e estranhos que admiraram o ultrajado desde os primeiros versos recitados na sala dos capellos até aos que nacionalisaram tão brilhantemente em Portugal as mimosas poesias do Sulmonense, e que levantaram em ambos os hemispherios em padrão de gloria portugueza o nome do sr. Antonio de Castilho. Gloria pela pertinacia do trabalho, gloria pelos frutos primorosos d'elle.

Até as criancinhas a cujo ensino mais ameno consagrara muitas vigalias e incessantes desvelos o insigne poeta, até essas porventura choraram o ágravo de quem procurára transformar-lhes as severidades da velha escola em suaves e festivaes cantares, maiormente por ser o sr. Anthero do Quental um dos muitos que deveram ao sr. Castilho pedaços de pão espiritual com que tão bem nutridos se ostentam.

E nesta magoa geral, largamente justificada pela razão e pelo patriotismo, tinham ainda maior parte os sentimentos do coração em favor do ancião respeitavel, do amantissimo chefe de familia, do coadjuvador espontaneo de todas as vocações nascentes, do homem que era já brasão nacional, e que, a termos de acceitar o juizo do sr. Anthero do Quental, ficaria inferior aos mais soêzes poetastros e aos mais desconchavados prosadores do reino.

Não é perfeito o sr. Antonio Feliciano de Castilho. A natureza, que o desfavoreceu quasi ao sair do berço, não lhe deu, para compensação, a perfectibilidade divina. Mas com todos os seus defeitos e senões é dos primeiros entre os portuguezes, e custa á nação perder em um só dia o cabedal de gloria successivamente adquirido em tantos annos de trabalho incessante e util.

Ahi tem o sr. Anthero do Quental porque nos pezou a todos o seu exagerado desforço. Não é a escola de Lisboa que se levanta receosa de morrer ás mãos da escola de Coimbra que vai surgindo. Não nos illudamos com phrases sonoras. Não póde morrer a escola de Lisboa porque nunca existiu, nem, que existisse, poderia insurgir-se contra a escola de Coimbra, que está por nascer. São de um lado reparos criticos de quem por consentimento universal tem competencia e jurisdicção nos assumptos litterarios, e do

outro lado vozes affrontosas de mancebos que, para defender a sua causa, melhor procederiam argumentando do que injuriando.

Quando chegassem a provar que o sr. Castilho só tinha escripto ninharias, e que só no Brazil poderia ser genio,—ainda assim, entre Durão, Gonzaga, José Basilio da Gama, José Bonifacio de Andrade, Magalhães e Gonçalves Dias, ficava sempre de pé a critica do illustrado mestre, até que placida e litterariamente se provasse que não fôra bem cabida.

Têm este inconveniente as injurias. Levantam mais alto a victima e deixam a questão como estava anteriormente.

Não sabemos se o sr. Castilho, com quem não praticámos ha muitos mezes, se magoou com a carta do sr. Anthero do Quental. É natural que sim. Custa muito, ao cabo de longos annos de trabalho em serviço da fama e bom nome da nossa patria, e depois de muitos testemunhos de consideração e de respeito, ver despedaçadas as coroas de que se honravam os cabellos brancos, e proclamada a inutilidade de tantas noites perdidas e de tantos dias desviados da nossa meridional indolencia para a fadiga, nem sempre suave e deleitosa, de variadissimos estudos. Eu quero suppôr que, ao interromperem-lhe a versão do Mantuano com a leitura da objurgatoria escripta pelo sr. Anthero do Quental, duas lagrimas desceram pelo rosto do nosso respeitavel mestre, lagrimas de pura magoa, de profundo desconsolo, e de pesar ainda mais profundo, pelo que se lhe figurou ingratição, e era apenas assomo frenetico de ira juvenil.

Quando o sr. Anthero do Quental chegar áquella idade e quando tiver trabalhado em prol das letras nacionaes em quasi todas as horas da sua vida como o sr. Castilho, se houver quem então lhe responda aos conselhos amigaveis com tamanhas affrontas, saberá o que em trances taes padece o coração. E ha de saber-o, que o assegurou com voz prophetica nos dias do infortunio sobre o rochedo de Santa Helena o maior epico militar e politico d'este seculo quando disse: *Rien n'est perdu dans ce monde. Tout se paye.*

Não sei o que a Providencia destina para desaggravo futuro do sr. Castilho. Já não serei d'este mundo quando isso acontecer. Mas se o sr. Anthero do Quental quer ex-

piar nobremente a culpa d'aquella carta, sobeja-lhe talento, e é natural que lhe não falte a grandeza de alma que se requer para tanto. Nós que o admirámos na exageração vingaliva, desejaremos celebrar o seu nobre arrependimento.

Pelo que diz respeito ao sr. Castilho é obrigação de quantos nos educámos na deliciosa leitura dos seus livros, e aprendemos nelles a bem estudar e a bem querer, cercal-o nesta hora de amargura e renovar-lhe a expressão de nosso mais profundo respeito e sincera admiração, sem perfilhar os odios d'estas contendadas, nem tomar voz por uns contra os outros.

Nas grandes desventuras das pessoas que presámos, acudimos sempre a alliviar com o nosso o pranto alheio, e a registrar de novo os nossos bons sentimentos. Isto faço eu hoje porque a affronta vinda de naturaes, e, sobre serem naturaes, discipulos, e, sobre discipulos, crentes na mesma fê poetica e operarios todos do grande edificio do saber humano, é grande; é, por ser offensa de familia, talvez a maior entre todas as desventuras.

Não me leve a mal o sr. Anthero do Quental esta homenagem publica ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, que já antes de admirar o talento do esperançoso mancebo de Coimbra, era, como elle foi, dedicado presador do incontestavel merecimento e dos eminentes serviços litterarios do autor da *Noite do Castello* e dos *Ciumes do Bardo*.

José Agostinho de Macedo quiz derrubar a estatua litteraria de Camões, o *idolo do vil respeito*, como elle lhe chamava. O sr. Anthero do Quental reduz a ninbarias e futilidades todas as obras de Castilho em prosa e verso. Amanhã outrem se levantará contra o sr. Alexandre Herulano, e contra a sombra de Garrett. E depois que nos fica para gloria do paiz? A *Pedreida*? Não basta.

Vençam em viço, em flores, em frutos os que os precederam, mas não os affrontem. Não lhes acceitem a autoridade sem contestação, mas não os aggravem. É conselho de amigo, para quem tanto valem as glorias do Mondego como as do Tejo, porque umas e outras são glorias portuguezas.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

# BELLUM

---

Damos hoje á estampa a carta com que nos honrou, e a esta folha, o sr. Antonio Feliciano de Castilho, na qual o esclarecido prosador e poeta assevera que o não incommodaram os escriptos publicados contra elle, não só porque a verdade ficou inalteravel como d'antes, mas tambem porque os não leu.

Acerca da veneração devida ao sr. Castilho e aos seus grandes serviços litterarios já escreveu o sr. Teixeira de Vasconcellos. No azedume das polemicas não podemos entrar nós que estimâmos os contendores e desejamos que, esquecidos todos os agravos, empregassem nas questões litterarias o muito para que são.

Pois que *a desavença cresce*, segundo diz o sr. Castilho, e attestam os papeis publicados, é natural o titulo d'este artigo, opposto ao que symbolisava os nossos desejos no alto do folhetim da *Gazeta* de hontem. A guerra existe, mas em nós vive sempre a esperança de que ha de acabar para honra de todos, e gloria das letras.

A carta diz assim:

*Meu caro Teixeira de Vasconcellos:—*Acceita os meus agradecimentos muito sinceros pelo teu exemplarissimo artigo de hoje na *Gazeta*, sobre isso que por ahi anda chamado *guerra litteraria entre as duas escolas de Lisboa e de Coimbra*.

Deduzindo do teu escripto, e resguardando no co-

ração, e só para elle, tudo que o teu affecto para commigo, e a tua estremada cortezia para com todos, te suggeriram, acho que deste uma boa lição, ainda que provavelmente perdida, e um bonissimo exemplo, que bem poucos hão de imitar, segundo as coisas vão correndo; mas, quer imitem, quer não, o nosso dever, e tu cumpristel-o, é instruir e moralisar, prégar o bem opportuna e importunamente, e inculcil-o até onde menos se espera que elle entre.

A desavença cresce, e não leva geitos de parar tão cedo: ha já na rua uns seis ou sete folhetos, sem contar folhetins e artigos nos periodicos; é um novo dize tu direi eu, como já fóra, na entrada d'este seculo, a disputa entre os sebastianistas e anti-sebastianistas; com duas notaveis differenças todavia: que lá José Agostinho, que foi quem levantou a lebre, foi tambem quem andou sempre em campo contra duzias de adversarios, que pela maior parte eram das duzias; e cá, eu, que levantei pacificamente a antifona, declarei logo que não brigava, e não brigo: contentome de haver exposto em estilo moderado meia duzia de verdades velhas, e de prestimo.

A outra differença é que lá se tratava da ilha encoberta e de um D. Sebastião, que uns teimavam estar morto e outros vivo; e cá se alterca sobre uns nevoeiros onde dois ou tres visionarios juram e balem fé que existe latente um não sei que imperio universal do bom senso e do bom gosto, não se sabendo ainda quem ha de ser o monarcha, e sendo provavel que o logar se ha de pôr a concurso, pois ha diferentes que andam com o olho nelle.

E ainda ha outra differença além d'estas duas: o D. Sebastião havia de chegar da sua ilha encantada numa manhã de nevoa em dia de S. João; e actualmente o redemptor litterario, saído tambem de nevoa, já cá está: *ex invisibili factus visibilis*. O que falta é reconhecerem-n'o, e decidir-se qual dos dois Amphitriões é o Amphitrião, qual dos dois Sosias, o Sosia, qual dos dois Menechmos o Menechmo, lídimo, verdadeiro; incontestavel, eu mesmo se não serão falsos ambos elles. O tempo é quem sabe tudo. Elle algum dia o dirá.

Eu que prefiro a tudo quanto ha no mundo o socego d'este meu quartel d'inverno, e conversar muito mão por

mão com o simplorio do meu Virgilio e o divertido parvo de Horacio, e tres ou quatro outros amigos vivos que por aqui apparecem quando lhes apraz, e são sempre bemvindos; eu, creio que muito bem o sabes, não leio ha já muitos annos nem cartas anonymas, nem impressos d'esses que pullulam hoje dos nossos prélos, como do esterco aos pés d'um grande e formoso arvoredado rebentam os tortulhos venenosos que o povo chama de sapo, e que o Linneu classificou, salvo erro, com o nome de *tortulhi marotorum*. *Ergo*: logo que me dizem (ha sempre quem traga as novas desagradaveis)—«Lá saiu um folheto a descompol-o; quel-o ver?» — agradeço, mas não acceito; — e torno-me para as abelhas do Virgilio, enxotado com o lenço o besouro a quem se mettêra na cabecinha o brincar commigo.

Enganaste-te pois quando suppozeste que me tinham feito correr lagrimas as grosserias que me constou haverem-se impresso contra mim. O que tive foi dô de quem amava tão pouco o proprio credito, e levanamente semeava tão inevitaveis e tão amargos pesares para o seu futuro, porque emfim estas coisas, mais cedo ou mais tarde, sempre se vem a pagar, como tu lhes ponderas judiciosamente.

E, sério sério, que razão tinha eu para me lastimar? Se o que elles de mim dizem é verdade, não se fez verdade por elles o dizerem: já o era antes, e verdade havia de ficar, ainda que elles o não dissessem; e, se era mentira, a mentira é nada, e de nada nada se faz. Portanto, essas injurias não podiam lezar senão a quem as empregava.

Repito-te, e é verdade: não me incommodaram porque não me podiam incomodar, nem podem; ao mesmo tempo que, sem o desejarem nem o presumirem, me deram, e estão dando, um grande gosto á consciencia, e até um pouquinho á vaidade (que todos a temos mais ou menos): regala-me o ver como esta discussão, ainda que um tanto anarchica, e por partes malcriada, ha de obrigar a muita gente de siso a considerar e reconhecer os males muito graves, muitissimo graves incontestavelmente, que o pessimo gosto e o nullo senso de certos orates estão causando na litteratura, e, por consequente, no credito d'este nosso Portugal, a quem pretendem apagar o sol que tão claro e tão brilhante lhe foi accezo pela mão de Deus.

Se não foram estas polemicas, embora acrimoniosas e chegadas até ao ponto de immoraes, haviam de ir lavrando com muito mais facilidade as tonterias scientifico-litterarias dos rapazelhos que se inculcam ao povo como possessores não só de toda a sciencia allemã, de que nada leram, cuja lingua ignoram, e cujos livros citam pelos catalogos da feira de Leipzig ou pelo Michelet, mas tambem como maiores e muito maiores que toda a Allemanha em peso, pois lhes caiu do alto por elles dentro a sciencia infusa, como diz o nosso Camillo, e têm fechados na mão os futuros da humanidade.

Estas ridicularias é que é bom que se cheguem a esclarecer, e quanto antes. E, para se esclarecerem, nada tão proprio como a argumentação.

Viva pois a minha carta ao Pereira, que facilitou o verem essas miserias á suppuração!

Agradeço-te novamente o haveres-te dignado de acudir á pendencia com a tua grande autoridade.

Teu

admirador affectivo e obrigado servo

Lisboa, 27 de dezembro  
de 1865.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



## A ESCOLA PSEUDO-PHILOSOPHICA DE COIMBRA

---

Tem feito por ahi grande arruido essa famosa e já agora interminavel questão litteraria entre os modernos vates, que descantam nos sinceiraes do Mondego e os estudiosos das margens do Tejo.

E de feito, ao cabo de tanto afan, resta só barulho, e nada mais. O enxame zumbidor, que se saiu do cortiço coimbrão a apregoar não sei que novas idéas e reformas ingentes, fez grande celeuma, bradou voz em grita nos porticos da sciencia e philosophia, e não enriqueceu com um só favo a colmêa das letras.

Querendo iniciar, á feição de Victor Hugo, um 93 luminoso n'este *ram-rão* da litteratura portugueza, só conseguiu muito ruido, o que é nada. Segundo a expressão energica e verdadeira de um critico francez, *le bruit n'est que le canaille de frère de la gloire*. Pensem n'esta sentença os videntes do futuro, para não darem de cara com um nevoeiro, cuidando topetar com as nuvens.

Observador imparcial e justiceiro, dando ouvidos a todos esses rumores da vida, que se erguem por todo o vastissimo orbe intellectual, no seu labutar incessante do trabalho, tentando discriminar o menor indicio de progresso, mormente em terras portuguezas, para logo o apregoar conforme o meu fraquissimo folego, segui attento todas as peripecias do tiroteio de cartas, pamphletos e mil outros pro-

jeclis com que os contendores se mimoseam de industria no seu juguete.

E no fim de tudo fiquei-me pasmado e absorto, por não descortinar coisa que se visse, na fumarada. O *quid inde* era um tremendo e horrifico zero, signal eloquente da inanidade das justas.

Decidi portanto voltar sem mais detença ao meu obscuro logar, onde talvez poderia ser mais util, ou menos inutil, aos estudiosos, aos que amam e presam a verdadeira sciencia, a verdadeira philosophia, a verdadeira litteratura. Deixei que os moinhos bracejassem á vontade lá nos pincaros, que não seria eu o D. Quixote, que houvera de investil-os. Para taes arremettidos não sirvo eu. Manuel Roussado já havia arrojado a metralha de vaias e satyras; Julio de Castilho vingára com soberbia e denodo o poeta, e o pae, e o patriarcha de nós todos, os que trabalhamos, o nosso Belisario que nos conduz á eterna peleja contra o desconhecido; Pinheiro Chagas, esforçado desfazedor de nevoeiros, verdadeiro bico de gaz nas trevas germanicas, com que alguns obscurantes querem nublar o sereno azular do nosso firmamento, Pinheiro Chagas tão portuguez por indole e character chispara meia duzia de raios e voltára-se á sua faina quotidiana; Vidal abafára um pouco as cordas da sua lyra e soltára meia duzia de phrases lancinantes; Bulhão Pato sorriera-se olympicamente com a sobranceria do homem, que vê longe; Thomaz Ribeiro, o Godofredo da moderna litteratura, arredára os olhos da sua Jerusalém, e fustigára, no parlamento os mussulmanos da nova crença circumcisa; Zacharias Aça, espirito atilado, que sabe mais de philosophia do que os blasonadores tábidos e nevoentos, começou agora a sua analyse; e afóra estes, quantos mais? O pleito, se por acaso existira algum dia, estava completamente esclarecido. Concluiu-se que tudo fôra barulho vão, que a sociedade não auferira um só progresso, por comesinho que fosse. Que ia pois fazer lá? Soldados firmes via eu, que não careciam do fraco auxilio de um bisinho. Analysando porém mais friamente a discussão, concluí que apesar de tão justos motivos, um havia, mais poderoso do que elles, e que me obrigava a sair do silencio. Era necessario que alguém se erguesse e dissesse:

A escola coimbrã, como a fizeram os seus proceres, não é escola, não tem idéas, não ensina, não concorre para a illustração. Essa escola, contra a qual um novo Omar seria um Messias, se porventura ella se dilatasse, é a negação da philosophia, é apostata do bom-senso, induz em erro, apregoa o absurdo, atrophia a sciencia.

Atrophia a sciencia! E como havia eu de ficar-me calado, se tenho por mister, seguindo o exemplo de tão bons engenhos nacionaes e estrangeiros, difundir e espalhar os bons conhecimentos, as noções genuinas da sciencia, como posso e segundo os minguados meios de que disponho! Pois havia de dobrar o collo e abjurar assim de vez, com o rosto impassivel, a religião em que me creei, a crença herdada, só porque um S. Paulo se lembrou um dia de apostrophar a verdade, alcunhando-a de erro, em nome de um supposto progresso, que consiste em caminhar aos baldões, sem norte e sem rumo? Pois eu, que creio no progresso estribado na sciencia, isto é, nos descobrimentos successivos e continuos dos grandes homens; eu, para quem o peculio de um seculo é base para novas conquistas, havia de aceitar como philosophia orthodoxa a doutrina opposta? Pois eu, que tenho o progresso como uma cadeia, havia de apoiar esses obreiros sacrilegos e impacientes que não atam os élos?

Pois se essa é a philosophia, o que seria feito da sciencia? Antes, mil vezes antes, os vortices de Descartes, e o phlogistico de Stahl, do que esse evangelho, cujos principios damninhos conduziram a sciencia a uma saturnal, peor do que a dos alchimicos. Aonde ficaria Archimedes, Pythagoras, Copernico, Kepler, Galileu, Huighens, Leibnitz, Newton, Laplace, Lagrange? No mesmo rol de Homero, Eschylo, Virgilio, Ovidio, Horacio, Tasso, Camões, Dante, Shakspeare e Gœthe. Da mesma sorte que fallar n'estes genios da litteratura é hoje heresia, tambem fallar n'aquelles luminares da sciencia é crime. O progresso é o esquecimento do passado, segundo a escola de Coimbra. Logo, venha o esquecimento para os illustres avoengos, trabalhe cada um de per si, se quizer, que só assim é que o mundo caminha, como se esse caminhar não fosse o resultado do movimento imprimido, pelos que a tal philosophia excommunga. A litteratura e a sciencia caminham a par, ligadas pela philo-

sophia. Formam um todo harmonico, porque são consequencias da actividade intellectual do homem. Por isso tem as mesmas leis e principios, e se admittirmos o exterminio dos grandes nomes da litteratura, como desnecessarios ou nocivos ao progresso da sociedade, para que a logica não sofra, tambem os grandes nomes da sciencia ficam sujeitos á mesma pena.

Desterraes Homero ! Pois cominae egual castigo a Archimedes !

Eis o absurdo tristissimo a que a pseudo-philosophia vos conduz. Se Vico, o author da *Sciencia Nova*, que em Coimbra é tão citado, vivesse agora, como não havia de ficar espavorido ao ver completamente deturpada a sua admiravel lei do progresso ?

Diz a famosa escóla que em Lisboa mal se comprehende a philosophia:

Por Deus ! que nos fazeis grande elogio.

Não vos comprehendemos, não, honra nos seja ; nem queremos comprehender-vos. Comprehender-vos é acceitar-vos para decretar a revolução permanente, a lueta continua com o bom senso, que tomaes por mote da vossa bandeira.

É costume entre os innovadores o fallar-se muito de philosophia e idéas philosophicas. Se por philosophia entendeis um discorrer inintelligivel, uma correria desenfreada, uma linguagem sybillina, sois verdadeiramente philosophos.

Mas a philosophia não é nem póde ser um desvario. Outra coisa é, e muito mais subida. Se fosse o que pensaes, pertencia-vos um logar na celebre ilha dos philosophos, que Montesquieu phantasiou com inventiva tão sarcastica e acerada.

Não. A philosophia é muito mais do que um vão conjunto de palavras obscuras e desconnexas.

A philosophia é uma luz, que se reflecte no passado para allumiar o futuro. A philosophia é a sciencia altissima, ou antes, é a sciencia das sciencias, é a analyse applicada ao pensamento, é a observação adequada ás idéas.

Hoje, que as sciencias tendem a popularisar-se sob o influxo dos maiores genios, que não temem conviver e se-

roar espiritualmente com o povo ; hoje que o proprio Michelet e a admiravel George Sand se entregaram, após tantos annos, e já nos ultimos estadios da vida, ao estudo das maravilhas naturaes, para as difundir e espalhar pelo vulgo ; hoje que o sabio Taine não duvidou chamar em auxilio da critica, a physiologia e a geographia ; hoje em fim que a philosophia, desprendendo-se dos braços da psychologia antiga, labyrintho contra o qual não valiam fios de Ariadne, voltou de novo ao seu logar natural, esclarecendo, ligando e dirigindo as sciencias, assim physicas como moraes, que vindes vós fazer, ó innovadores, com os vossos periodos tão escuros e tão dignos de o ser ? Que riquezas nos trazeis ? Que progresso influis ? Que novos methodos inventaes ? *Solitudinem faciunt.*

Se vos houvesseis compenetrado bem do grandissimo papel da philosophia em todas as manifestações da intelligencia, certo que ha muito seria outro o vosso rumo. Quando as investigações e pesquisas chegam a um certo ponto, e as riquezas accumuladas ameaçam confundir-se e voltar ao cahos, d'onde a analyse as foi extraindo a pouco e pouco, pertence ainda á philosophia o classificar e ordenar, para que ao cabo de tantos trabalhos o genio possa fazer a synthese d'elles, e concluir as leis geraes que ligam e presidem aos phenomenos.

Vê-se pois que o fim da philosophia é a um tempo multiplo e uno. Por um lado, estuda a materia e a força, ou antes indaga a materia sómente nos seus attributos, nas suas manifestações immensamente variadas. Ora pesa os mundos, mede-os e os segue nas suas orbitas, ora examina a propria terra e simplifica as leis, que a principio se apresentam tão variadas. Depois, e por uma transição natural e necessaria, determina a ligação entre essas forças mysteriosas, que a sciencia moderna nos revelou. A gravidade, a luz, o calor, o magnetismo, a electricidade e a affinidade chimica são modulações do mesmo rythmo, são manifestações ou modos de ser do mesmo typo. Ascendendo sempre, a philosophia leva-nos, cada vez mais ousada, á eterna peripecia vital, a essa lucta perpetua entre as forças physico-chimicas e physiologicas. Não pára aqui. O problema é vasto e profundo, é como um lago dormente. A

origem das especies e a geração dos individuos são resultados de forças naturaes. Quaes são ellas? Qual a sua natureza? Qual o seu modo de acção? Mas voguemos ainda. Cerca-nos a amplidão. Além temos mais maravilhas e mysterios. Aguarda-nos o grande problema. O que é a alma? Como gera o pensamento? Como e por que meios exercita a sua actividade? E depois, mais alto ainda, superior a tudo, aonde está o eterno principio? a primeira força?

Esta a synthese gigantea da philosophia, este o cyclo da sciencia, que ella vae percorrendo por gradações successivas e harmonicas, apoiando-se nas pesquisas anteriores, firmando-se nos conhecimentos adquiridos, dêz que o homem, relanceando os olhos no universo, começou a comparar e observar, porque o pensamento está em toda a parte, e é por isso que a sciencia é essencialmente espiritalista.

Portanto, quando vos alevantaes e nos dizeis com tanta sobrançeria, que só vós sois a causa do progresso, nós temos o direito de responder: *Mentis*. Vós sois os que o deturpaes, porque trilhaes o caminho do erro, porque a vossa philosophia, longe de alliar em intimo abraço o homem physico e o homem moral, a sciencia e a psychologia, desune um e outro, amaldiçoa esse matrimonio sacrosanto, fóra do qual está o materialismo de Stahl e de Buchner. Debalde tentaes fugir ao circulo fatal, que vos abraça e constrange. Debalde. Heis de gemer sob o peso da propria insania.

E tendes o arrojo de vos denominar homens do futuro! Vós sois os homens do passado, imitadores servis de um materialismo, que findou, e não mais póde voltar.

Para vós, a philosophia é a abstracção eterna, é uma arvore sem fructos nem flores; para nós é companheira inseparavel, guia constante e aconselhadora, luzeiro que nos conduz á verdade, ou que pelo menos nos diz onde podemos encontral-a.

Vós sois os que imitaes, porque não ousaes sair do estreito circulo da psychologia antiga, e abstrais da sciencia. Sois escolasticos. Nós, que nos filiamos na moderna escola, buscámos as tradições de Leibnitz, Pascal e Descartes, que deram ao mundo a impulsão creadora, desterrando para longe a triste herança de Aristoteles, que portanto tempo

escureceu o glorioso legado de Pithagoras. Se o mundo vos seguisse, houvera retrocesso ; comnosco, ha de caminhar, porque levamos em mira a verdade.

Mas reparo agora que estou a exaggerar demasiado os vossos crimes scientifico-philosophicos.

Eu ainda não pude perceber-vos, e lido n'esse empenho ha muito. Quem sabe se vós tendes um systema ? Confesso-vos, em boa verdade, que o não sei. Se vos combato, é porque ousastes dizer que só vós ajudaveis a causa do progresso, como se escrever meia duzia de periodos sybillinos fosse soccorro sério para uma idéa grandiosa !

Ora, porque nós temos pretensão, não de dirigir, senão de seguir o verdadeiro progresso iniciado pelos maiores genios, e porque nos accusavam do contrario, era obrigação nossa mostrar que trilhavamos a boa senda, a qual portanto devia de ser opposta á que trilhavam os nossos adversarios. Foi por este meio indirecto que lográmos lobrigar o systema philosophico da moderna escola coimbrã, que lá por meios directos e leitura corrente era coisa totalmente impossivel.

Encerremos este capitulo para sempre. O nosso credo está escripto ha muito e todos o conhecem.

E seja-nos permittido um conselho, ou uma supplica. Apliquem os innovadores a sua intelligencia a obra mais meritoria, que não a uma psychologia, que já passou de moda. Desamparem de vez argucias escuras, que não aproveitam a ninguem. Para muito são os seus talentos, se porventura seguirem o bom caminho. Com escandalos e trevas não passam á posteridade, e não servem á civilização.

O publico, esse juiz imparcial, contra cujas sentenças não ha appello nem agravo, já vae dizendo, como o Mantuano :

*Claudite jam rivos, pueri, sat prata biberunt.*

E olhem que estas disputas vão sendo brinquedos de creanças.

Desculpe o sr. Anthero do Quental se tambem o Mantuano veiu á puridade. É que ás vezes aquelles antigos viam bem as cousas e legaram boas sentenças.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

